

o recado da terra

Ano XXI, Nº 44, primavera de 2017.



Calendário Agrícola da Sazonalidade é distribuído em Pelotas pg 5.

Festa Regional das Sementes marca 20 anos do CAPA Verê pg 8.

Kit de homeopatia é distribuído em Rondon pg 9.

NOVIDADES DESTA EDIÇÃO

Seção JUVENTUDE: espaço para participação de jovens.

Notícias Institucionais: atuação da FLD e do COMIN.

Editoria Latino América: Maela ministra formação política em Agroecologia.

TECNOLOGIAS

Informações básicas para produzir sementes pg 3.



Cláudia Dreier

Desafios para persistir na Agroecologia



Vilmar Saar

A Agroecologia no contexto político-econômico atual e a história de Frau e Herr Sonntag (leia na página central)..

Inspiração para prosseguir

Esta edição de nosso jornal enfaça o direito de permanecer na terra e produzir alimentos utilizando o sistema agroecológico. Muitas são as dificuldades encontradas ao longo dos anos, principalmente quando os interesses políticos estão voltados a elites e à concentração de renda.

A questão de modificar leis favorecendo o uso de agrotóxicos (ver artigo ao lado) e buscando controlar a produção de sementes crioulas (ver página central) consistem em preocupações atuais que podem aumentar barreiras para a prática da Agroecologia.

Esta é analisada sob o prisma do atual contexto sócio-político nas palavras de Laércio Meirelles que aparecem na entrevista da página central. O cenário vigente revela-se em várias manifestações ao longo das páginas deste jornal, todas destacadas na cor amarelo claro.

Além da novidade das cores internas, surgem novas seções fixas: Tecnologias e Juventude na página três, Notícias Institucionais na dois, Vitrine para destacar publicações dos núcleos e uma editoria especial para a Latino América, na qual se destaca o trabalho do Maela.

Juntas e juntos somos mais fortes e temos melhores condições de prosseguir em nosso trabalho com sistemas agroecológicos.

A todas e todos desejamos que esta leitura inspire novas ações.

o recado da
terra

O Recado da Terra é uma publicação do Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia, CAPA, que está ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB.

Núcleos e coordenações
Núcleo Erechim/RS – Ingrid Margarete Giesel
erexim@capa.org.br
Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR – Vilmar Saar
rondon@capa.org.br
Núcleo Pelotas/RS – Rita Surita
pelotas@capa.org.br
Núcleo Santa Cruz do Sul/RS – Melissa Lenz
santacruz@capa.org.br
Núcleo Verê/PR – Jhony Alex Luchmann
vere@capa.org.br

Jornalista Responsável: Cláudia Dreier, Reg. prof. 8149
Edição, projeto gráfico e editoração: Cláudia Dreier
Contato: calendulaviva@gmail.com

O Recado da Terra circula duas vezes ao ano.
Esta edição foi impressa em outubro de 2017.
Maiores informações em www.capa.org.br

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

Brot
für die Welt

FLD
Fórum Luterano de
Ocupação da Terra

Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil

Agrotóxicos: cenários, disputas e desafios

Desde 2008, o Brasil continua na liderança mundial no uso de agrotóxicos e a média ultrapassa os cinco quilogramas utilizados nas lavouras para cada habitante brasileiro. Algumas características do país, baseadas na abundância de terras, produção em larga escala de commodities e associadas à modernização da agricultura em máquinas e o uso de sementes transgênicas, favorecem esta estatística.

Infelizmente, os impactos desta agricultura baseada nos agrotóxicos trazem prejuízos para o ambiente, contaminam o solo e as águas dos lençóis freáticos, cursos d'água, reservatórios e aquíferos, causam a mortandade de abelhas, mas o mais grave de tudo intoxicam as famílias que produzem e contaminam os alimentos que são consumidos diariamente pela população brasileira.

Vários estudos apontam para a relação de exposição em longo prazo dos agrotóxicos com o desenvolvimento de doenças crônicas, mas o mais preocupante é a sua relação com o câncer. Em 2015, A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Instituto Nacional do Câncer (INCA) emitiram pareceres sobre o glifosato como provável agente carcinogênico. Também nesse sentido o estado da Califórnia, em julho deste ano, incluiu a molécula na sua lista de substâncias cancerígenas.



Produção limpa: projeto discute reduzir o uso de agrotóxicos.

A atual lei 7.802/89, conhecida como a “Lei dos Agrotóxicos”, apesar de estar próxima de 30 anos de sua publicação e ter ampliado a proteção ao meio ambiente e a saúde, não impede o uso indiscriminado e abusivo dos agrotóxicos no país. Mesmo assim, tramitam no congresso mais de 60 projetos com o intuito de alterar a lei com a finalidade de flexibilizar a legislação.

Um deles e de maior impacto, o PL 3200/2015 é de autoria do deputado Covati Filho (PP/RS) que propõem alterar toda a lei e revogar a lei de 1989. Caso ela seja aprovada: o termo “agrotóxico” passa a se chamar “defensivo fitossanitário”, na busca de disfarçar os prejuízos causados por estas substâncias; a avaliação de novos agrotóxicos passa a ser analisada por uma grande maioria de especialistas do Ministério da Agricultura e que está sujeita aos interesses do capital e das empresas multinacionais do setor agroquímico e colocando a atual Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) sem gerên-

Artigo Roni Carlos Bonow

cia nenhuma sobre o tema; o receituário agrônômico não será exigido para todos os produtos, permitindo a compra sem uma orientação técnica de uso; e, o mais grave, será admitido o registro de substâncias mesmo que comprovadamente cancerígenas.

Como contraponto a este processo há no Congresso Nacional o Projeto de Lei 6670/2016 que propõem instituir a Política Nacional de Redução de Agrotóxicos (PNARA) e que está tramitando na Comissão Especial da Câmara, mas sem movimentação desde fevereiro deste ano. O projeto de lei propõem implementar

“Vários estudos apontam para a relação de exposição em longo prazo dos agrotóxicos com o desenvolvimento de doenças crônicas, mas o mais preocupante é a sua relação com o câncer.

ações para a redução progressiva do uso de agrotóxicos na produção agrícola e pecuária. Além disso, ampliar a oferta de insumos de origens biológicas e naturais, contribuindo para a promoção da saúde e sustentabilidade ambiental, com a produção de alimentos saudáveis.

Enquanto CAPA, atuamos no Fórum Gaúcho de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos (FGCIA). O Fórum, atualmente composto por mais de 50 entidades é coordenado pelos Ministérios Público Federal e Estadual e pelo Ministério Público do Trabalho e tem como ação ser um espaço de discussão permanente sobre as questões relacionadas aos impactos dos agrotóxicos na saúde do trabalhador, consumidor, população em geral e sobre o meio ambiente, articulando em rede a sociedade civil, instituições e o Ministério Público.

O FGCIA está organizado em diferentes comissões e atualmente o CAPA tem atuado na comissão de Pulverização Aérea e Terrestre. Articulado através desta comissão foi apresentado um projeto que propõem um sistema de monitoramento eletrônico das aeronaves agrícolas, para haver um instrumento adequado de monitoramento destas. Atualmente, o projeto está recebendo pressões contrárias e depende da ANAC para a sua efetivação.

Além disso, o Ministério Público realizou em 27 de setembro audiência pública que debateu sobre a pulverização terrestre, a qual não possui nenhuma regulação. A problemática da deriva por pulverização terrestre de agrotóxicos foi apresentada pelos agricultores nas audiências públicas realizadas pelo FGCIA em diversas regiões do Estado, uma delas em Pelotas, onde abordaram a necessidade de haver normatização sobre a temática, principalmente sobre as derivas de áreas vizinhas as suas propriedades assim como nas cidades, como os casos de capina química, já proibidos por lei.

Nestes cenários de disputas e tensões o CAPA está preocupado e coloca-se ao lado da agricultura familiar que quer produzir alimentos, gerando renda e qualidade de vida digna no meio rural. Além disso, ainda é necessário que governos destinem esforços como Assistência Técnica, pesquisa e ensino, assim como incentivos fiscais para a Agroecologia e realize a implementação do PNARA, mencionado acima.

Dessa forma é necessário que a comunidade aproprie-se destas informações para realizar amplo debate sobre o tema, participe de ações voltadas para a Agroecologia e o não uso de agrotóxicos, consuma alimentos das feiras agroecológicas e possa buscar mais saúde para si e para um ambiente saudável, permitindo a produção de alimentos agroecológicos.

*Roni Carlos Bonow é Engenheiro Agrônomo do CAPA Pelotas/RS.

TECNOLOGIAS SEMENTES

Ter acesso a sementes limpas é um desafio para persistir no trabalho com Agroecologia. Este foi o tema escolhido para abrir a seção Tecnologias no *Recado da Terra*.

Autonomia e fonte de renda

“Tem sido divulgado, ao longo de 30 anos, a falsa informação de que agricultoras e agricultores não tem capacidade de produzir sementes. No entanto, quem trabalha na terra pode ganhar a vida produzindo sementes” afirma Ivo Severino Macagnan, Engenheiro Agrônomo, Mestre em Melhoramento de Plantas e Sementes pela UFPel e técnico do CAPA Núcleo Erexim/RS.

Desde 1985, Ivo trabalha no resgate e na preservação das sementes tradicionais e crioulas, ministra cursos a famílias agricultoras para terem autossuficiência na produção e fazerem desse trabalho uma nova fonte de renda. “A produção de sementes e a venda para a agricultura familiar é permitida por lei” ressalta Ivo, explicando que esta deliberação está no Artigo 115º do Regulamento Técnico da Produção de Sementes.

MERCADO DISPONÍVEL

Uma dificuldade atual na Agroecologia é encontrar sementes adequadas para sistemas de produção orgânicos e agroecológicos: “variedades melhoradas nem sempre respondem bem nesses sistemas. E aqui nem falo dos transgênicos e sim das sementes híbridas e das provenientes de universidades, EMBRAPA e entidades de pesquisa estaduais”, esclarece Ivo.

Essa carência nacional de sementes para a Agroecologia se deve à falta de iniciativas que realizem essa produção. “Não há empresas que produzam sementes para o sistema agroecológico, salvo situações pontuais como a Bionatur, que está muito aquém da necessidade do mer-

cado.”

Segundo Ivo, ao participar de processos de capacitação, como os ministrados por ele, pessoas se tornam aptas a produzirem sementes. Ivo coordena cursos ensinando técnicas para obter boas sementes em vários núcleos do CAPA.

ETAPAS PARA PRODUIR

“A base genética precisa ser sólida. Não se produz sementes com duas ou três espigas de milho, a seleção se faz a partir de no mínimo 300, para evitar a endogamia”, justifica Ivo.

O segundo passo está na escolha de sementes saudáveis: sem doenças fúngicas, bacterianas ou viróticas. “No caso do feijão, o grão deve estar intacto, sem manchas que caracterizam doenças.” Para Ivo nessa etapa é importante padronizar o tamanho dos grãos, facilitando a semeadura.

O armazenamento consiste na etapa final. Se for adequado, guarda a semente da umidade, de traças e outros insetos por mais de três anos. No caso do milho, Ivo recomenda que se tire o pé e a ponta, para melhor preservar a parte central da espiga. A colheita deve ser feita no momento da maturação fisiológica, onde as espigas devem ser debulhadas em um galpão limpo. Deixar mais tempo na roça não é recomendável, pois para ele a lavoura é o pior armazém do mundo: “sujeito a animais, insetos, vento e chuva que só depreciam as sementes”.

Ele recomenda o uso cinza de fogão, em meio aos grãos, desde que estes estejam bem secos. “Como a cinza é um sal, ela funciona como

Texto Cláudia Dreier



fungicida e bactericida, mas se o grão estiver úmido, ela irá queimar a semente.”

Quanto às embalagens, para Ivo as melhores escolhas são as de vidro de cor escura, utilizando rolhas novas para uma vedação hermética. “O tamanho do recipiente depende do tipo da semente, ser for de milho geralmente é uma bombona de 20 litros; para a cenoura 500 ml são suficientes, pois ele deve estar cheio até a boca e ser compactado para sair o ar.” Recomenda ainda que sejam guardados em locais escuros de baixas temperaturas, como um porão.



Certificação da Rede Ecovida dada a partir do trabalho do CAPA

CAPA Erexim
70 famílias
2 cooperativas
6 agroindústrias

CAPA M. Cândido Rondon
70 famílias
3 cooperativas
5 agroindústrias

CAPA Pelotas
150 famílias
2 cooperativas
2 agroindústrias
1 associação

CAPA Sta. Cruz do Sul
26 famílias
5 agroindústrias

CAPA Verê
40 famílias
3 agroindústrias

JUVENTUDE

Manter jovens no campo é outro desafio para a continuidade da Agroecologia. Aqui o *Recado da Terra* abre espaço para a juventude. Jovem contate com o CAPA da sua região para sugerir pautas.



Os jovens Douglas Etges, Mateus Staub, Juliano Lawisch, Luiz Hauth e Maurício Dorfey, de 18 e 20 anos, passaram a ser sócios da Ecovale no dia 19 de junho de 2017. Conhecidos como Grupo Feira Jovem recebem assessoria mensal do CAPA Núcleo Santa Cruz do Sul/RS e realizam uma feira aos sábados no distrito de Boa Vista.

Maurício Dorfey (o terceiro da foto acima, da esquerda para a direita) faz seu estágio da Escola da Família Agrícola no CAPA e falou ao Recado da Terra sobre suas vivências em Agroecologia.

O apoio da família veio depois

RT - A foto ao lado registrou o momento da associação à Ecovale. O que significa fazer parte de uma cooperativa ecológica?

Maurício - Significa ter em mente que a produção sustentável tem por finalidade alimentar famílias. Ela fornece alimentos mais saudáveis e deve ser acessível a todas as pessoas, com preços justos, equivalentes aos do mercado.

RT - Como é ser um jovem produtor agroecológico nos dias de hoje?

Maurício - Hoje em dia, instalado em uma região produtora de tabaco, é difícil, principalmente no início. Por esse motivo formamos um grupo. Através do grupo não estamos sozinhos, além do apoio mútuo temos mais voz, maior visibilidade e podemos desenvolver maiores atividades junto à nossa comunidade.

RT - O que fez você optar pela Agroecologia? Maurício - Optei pela Agroecologia por vários motivos. O primeiro foi a escolha da alimentação saudável. O segundo, o cuidado com o ambiente, entender o meio, as dinâmicas e a

paisagem onde vivemos sem prejudicá-la. E por fim, principalmente, para ajudar as pessoas da comunidade, mostrando a elas que qualquer uma pode ter na sua terra uma produção livre de produtos químicos e venenos.

RT - Qual o papel da família nessa escolha? Maurício - No início não tive muita ajuda deles. Por minha iniciativa precisei mostrar ao meu pai e à minha mãe que essa produção dá certo. Aquilo que aprendi na Escola Agrícola e coloquei em prática acabou conquistando a minha família que agora aderiu à produção agroecológica.

RT - O que você pensa sobre fazer o estágio obrigatório da Escola Agrícola no CAPA? Maurício - O CAPA abre para nós muitas possibilidades, de conhecimentos e experiências em Agroecologia. O aprendizado acontece tanto na prática, no contato direto com agricultoras e agricultores, quanto na teoria ao ter disponível conhecimentos acumulados ao longo das décadas.

LUTA CONTRA BARRAGENS

Famílias ribeirinhas organizadas no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), ameaçadas pela construção da barragem de Panambi no trecho internacional do Rio Uruguai, comemoraram a decisão da 1ª Vara Federal de Santa Rosa (RS), que proíbe o Iba-ma de dar prosseguimento ao processo de licenciamento ambiental da Usina Hidrelétrica de Panambi, cuja construção está prevista entre os municípios de Alecrim (RS- BR) e Alba Possa (Misiones- AR).

Desde o anúncio da retomada do Complexo Binacional Garabi/Panambi, o MAB, juntamente com a Diocese de Santo Ângelo, Sínodo Noroeste Rio-grandense/Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e o Instituto Gaúcho de Estudos Ambientais (Ingã), iniciou uma série de mobilizações e denúncias sobre os impactos dessas obras na vida da comunidade e na degradação do meio ambiente.

As iniciativas tem apoio do Programa de Pequenos Projetos da Fundação Luterana de Diaconia (FLD), parceira do CAPA, por meio do projeto Promoção de Cidadania e Defesa dos Direitos Humanos no Noroeste do RS, executado pelo MAB.

Para a pescadora e coordenadora do MAB, Tereza Pessoa, a conquista só ocorreu devido à organização das famílias ameaçadas. “A população repudia a construção, devido aos inúmeros problemas sociais e ambientais que já foram causados por outras barragens na Bacia do Rio Uruguai”.



LEITURA DE MUNDO

Durante o primeiro semestre de 2017, a Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira esteve, junto com o Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN), parceiro da FLD, executando o projeto Lei 11.645/08. Nele foram realizadas rodas de conversa, mostra de vídeos, palestras e exposições fotográficas de povos indígenas; e o lançamento do caderno “Semana dos Povos Indígenas 2017- Sobre Crianças Indígenas”, material organizado pelo COMIN.

O IX Projeto Leitura de Mundo envolveu alunas e alunos de ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos, em Rio Branco, no Acre, na elaboração de trabalhos em sala de aula. A escola também realizou uma visita/vivência até a comunidade Huwã Karu, do povo Huni Kuin, integrando as e os visitantes nos momentos de canto e dança tradicionais, visita ao igarapé e roçados e contação de mitos.

FEIRA INDÍGENA DE SEMENTES

A primeira feira de sementes indígenas de Rondônia ocorreu em 2016, na aldeia do povo Suruí, Terra Indígena Sete de Setembro, no município de Cacoal. Dois casais do povo Karo Arara, acompanhado pelo COMIN, participaram da feira e trocaram sementes e raízes. Trouxeram raízes de cará; trocaram sementes de milho mole, amendoim, cuia e muitas outras espécies. Agora já estão colhendo o que foi plantado e esperam ansiosos pela próxima feira, que ocorrerá em 2017, na TI Rio Branco, nos municípios de Alta Floresta do Oeste e São Miguel do Guaporé.



20 anos de Verê e Rondon

Em 2017, os dois núcleos do consórcio CAPA no estado do Paraná, Verê e Marechal Cândido Rondon, completaram 20 anos de atuação. Ambos comemoraram seu aniversário em eventos que reuniram entidades parceiras no trabalho com Agroecologia.

O Núcleo Verê trouxe a Festa Regional das Sementes ao seu município para marcar a ocasião, recebendo cerca de mil pessoas (ver segunda foto ao lado e a matéria na pg. 08).

Nos dias 30 e 31 de agosto, o CAPA Rondon, juntamente com seus parceiros, sediou o 8º Encontro Regional de Agroecologia do Oeste do Paraná. Participaram do evento mais de 160 pessoas de grupos, associações, cooperativas e entidades.

Durante a abertura do evento foi feita a apresentação da equipe, composta por 23 integrantes, e do Conselho do CAPA. “Um destaque de nosso trabalho são as boas parcerias que estabelecemos ao longo desses 20 anos”, conta Vilmar Saar, coordenador do CAPA/Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR. (Veja última foto sobre abertura do evento).

Ainda no dia 30, a celebração festiva que aconteceu antes do jantar de confraternização, contou com a presença de diversas lideranças da IECLB, entre elas a do pastor sinodal do Sínodo Rio Paraná, Lauri Becker.

O jantar orgânico foi organizado pela Associação Central dos Produtores Rurais Ecológicos de Marechal Rondon, ACEMPRE, que em 2017 completa 25 anos de existência no Oeste do Paraná. Ao final do jantar foi servido um lindo bolo que aparece na foto acima.

Escrito por Urbano P. Mertz, o artigo abaixo contextualiza o cenário de atuação e mostra a relevância do trabalho do CAPA Rondon.

Atuação marcante no Oeste do PR

Artigo de Urbano T. Mertz

Como desenvolver projetos em agricultura sustentável numa região como a do Oeste do Paraná? Esta é uma pergunta que muitos profissionais sempre se fizeram: seria possível implantar plantios orgânicos de soja, milho, olerícolas e frutas numa região em que o consenso geral é o de que somente com o uso das ditas modernas tecnologias é possível produzir?

Porém, um grupo de resistência, idealista mas com os pés no chão, que pesquisou os impactos e os problemas inerentes à esta moderna agricultura, acreditou que este sistema agrícola era insustentável. Desde o início do século 20, muitas pesquisas científicas e inúmeros recursos tecnológicos têm sido desenvolvidos para reduzir o impacto sobre o meio ambiente, e que, ao final, tivesse condições de proporcionar um bom nível de renda, qualidade de vida e saúde para famílias agricultoras.

Foi com este sonho, e a inspiração baseada em experiências isoladas, que várias lideranças e profissionais, propuseram a criação de associações, cooperativas e organizações capazes de dar uma retaguarda em assistência técnica, fora do pacote convencional.

E desta demanda surgiram diversas instituições na região, a se destacar, o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, CAPA, hoje Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia.

No Oeste do Paraná, o CAPA estabeleceu-se na segunda metade da década de 90, definindo sua estratégia de atuação em torno de princípios ecológicos da agricultura, buscando a



sustentabilidade na agricultura familiar, em contraposição à artificialidade dos sistemas produtivos convencionais.

Coincide com a criação do CAPA, a vinda do campus da UNIOESTE, com o curso de Agronomia, que, desde o início, já tinha um projeto pedagógico voltado à realidade da agricultura familiar da nossa região. As parcerias do CAPA com a UNIOESTE e a EMATER, em Marechal Cândido Rondon propiciaram o desenvolvimento de importantes alternativas que, atualmente, são o sustentáculo da ação extensionista da própria CAPA, bem como de outras instituições de assistência técnica.

Entre estas iniciativas se destaca o projeto de Homeopatia na Agricultura, que, além de propiciar a adoção de técnicas sustentáveis de manejo de animais e plantas, proporciona mudanças fundamentais na atitude dos agricultores com relação ao seu sistema de produção. Desta forma, o CAPA cumpre um importante papel de promoção da Agroecologia na região, mas, mais que isso, ajudou a consolidar um mercado de produtos orgânicos que promove a saúde e o bem estar de agricultores e um número cada vez maior de consumidores, que buscam o produto orgânico como garantia de saúde e qualidade de vida.

*Urbano T. Mertz é engenheiro agrônomo e extensionista da Emater em Marechal Cândido Rondon/PR.

Pelotas organiza calendário de sazonalidade

A Agroecologia estimula o consumo de alimentos da época, encontrados nas feiras ecológicas. Na Semana do Alimento Orgânico, o CAPA/Núcleo/Pelotas/RS distribuiu o Calendário da Sazonalidade, que está ao lado, nos eventos onde se fez presente.

Aqui destacamos alimentos da primavera e do verão para a região de Pelotas/RS.

PRIMAVERA

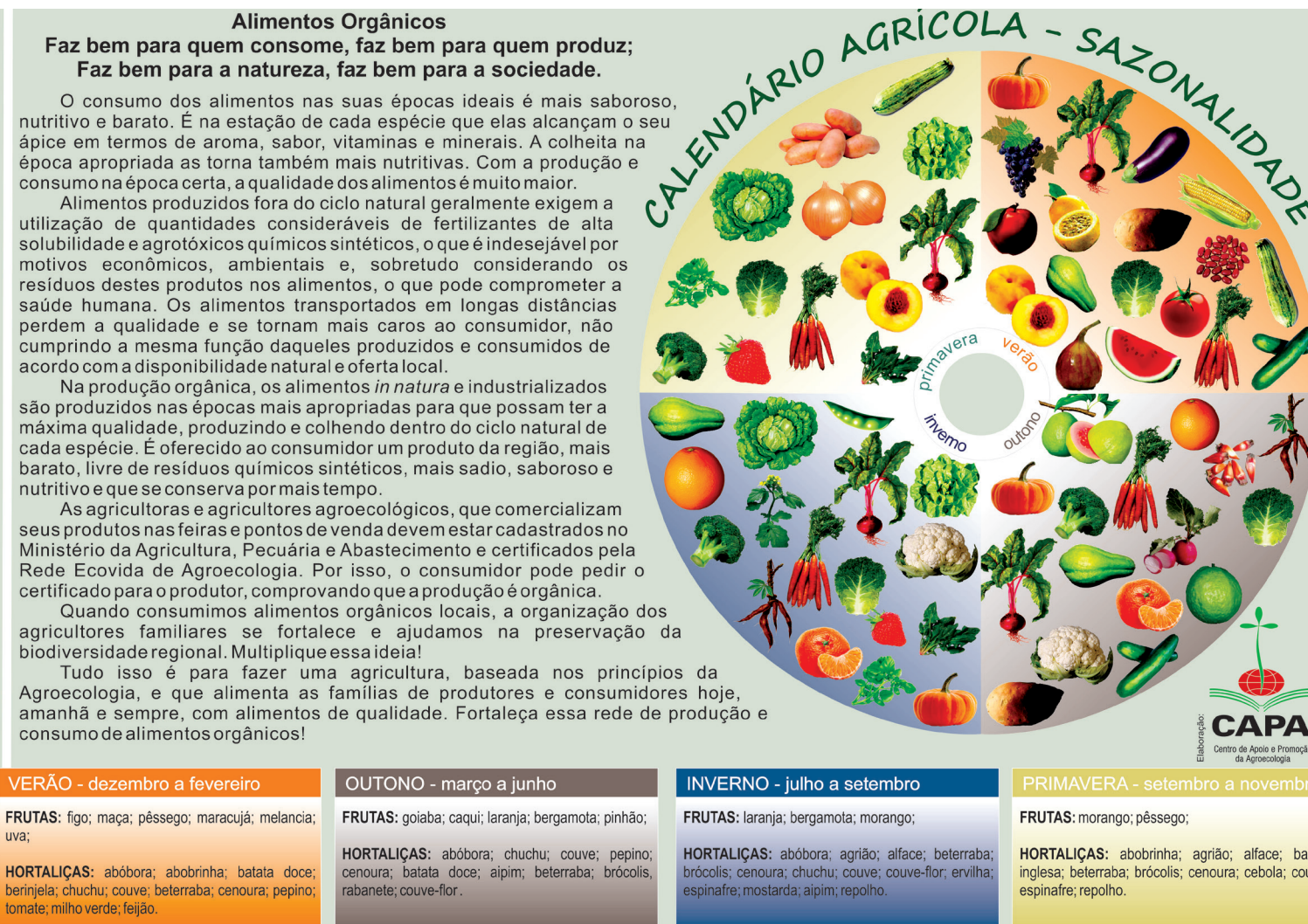
Frutas: morango e pêssego

Hortalças: abobrinha, agrião, alface, batata inglesa, beterraba, brócolis, cenoura, cebola, couve, espinafre e repolho.

VERÃO

Frutas: pêssego, uva, figo, maçã, maracujá e melancia.

Hortalças: abóbora, abobrinha, beringela, batata doce, beterraba, chuchu, couve, cenoura, pepino, tomate, milho-verde e feijão.



Projeto é reconhecido como tecnologia social

Texto Cláudia Dreier

Em 27 de setembro, a Fundação Banco do Brasil reconheceu como tecnologia social reaplicável o projeto Promovendo Saúde e Segurança Alimentar com Grupos de Saúde Comunitária. A atividade teve início em 2003, em uma iniciativa conjunta do CAPA/Núcleo/Santa Cruz/RS e do Sínodo Vale do Taquari, com apoio da Fundação Luterana de Diaconia (FLD).

O Encontro Anual dos Grupos de Saúde Comunitária reuniu 140 pessoas, em 03 de agosto, e recebeu a engenheira agrônoma Cláudia Petry. A agrônoma falou sobre Comida Boa na Mesa e Agroecologia, a partir da campanha do CAPA.

“Muitas doenças da atualidade estão relacionadas ao grande consumo de trigo e seus derivados como, por exemplo, problemas de tireoide, doenças auto imunes, como a doença de Crohn, lúpus e doenças reumáticas” destacou Cláudia que também recomenda o consumo de fermentados e alimentos vivos: “independente do tipo de Kefir, de água ou de leite, ambos são ótimos para o intestino e para ativar as suas bactérias benéficas, fortalecendo o sistema imune.” (Confira ao lado a receita de frozen com iogurte ou kefir)

Além da palestra, o encontro teve o pronunciamento de autoridades, uma celebração religiosa,

espaço para debate e reflexão sobre Comida Boa na Mesa e entrega de mudas de batata-doce livres de doenças. Como de costume, nos encontros dos grupos menores, no encerramento houve a partilha de uma saudável mesa comunitária.

Hoje o projeto reúne 280 pessoas em 16 grupos: dez no município de Teutônia, quatro em Westfália, um na cidade de Paverama e um em Cruzeiro do Sul, todos no RS.

DEPOIMENTO

No início do evento, Claire Schlabititz fez a saudação, em nome de todos os grupos de saúde. Transcrevemos aqui parte da fala da integrante do grupo do Bairro Teutônia, do município homônimo.

“Foi através do incentivo do CAPA que começamos a participar do grupo de saúde comunitária, junto aos grupos de OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas). O CAPA nos apresentou uma proposta de alternativa diferente, tanto para medicação (plantas medicinais, chás, pomadas, tinturas, xaropes feitos em casa), como para alimentos feitos com ingredientes integrais, aproveitamento do que tínhamos em nossas hortas. Incentivou principalmente o uso daqueles produzidos sem agrotóxicos e sem produtos químicos.

O início foi tímido, poucos grupos se formaram, poucas pessoas nesses grupos. Com a boa notícia que vinha dos grupos já organizados, outras

pessoas se interessaram e novos grupos surgiram...

Isso é um bom sinal, espero que continuemos crescendo e para isso precisamos do apoio das prefeituras e outras instituições parceiras da proposta do CAPA. O trabalho de prevenção realizado com esses grupos é muito importante para a saúde das pessoas...

Participamos do grupo de saúde comunitária porque pegamos gosto. Gosto pelas plantas medicinais, pela farmácia caseira e alimentação saudável. Gosto pela nossa horta, pelo nosso pomar, pelo nosso incho, as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs). Gosto por fazer nossa alimentação e ter xaropes, tinturas e pomadas. Gosto pelo nosso encontro mensal com nossas amigas, para receber novos conhecimentos, trocar ideias, mudas, sementes, receitas e experiências. Gosto por querer aprender mais e proporcionar a nós, aos familiares e amigos, uma alimentação saudável. Gosto pela saúde e por comida boa na mesa.

A partir do nosso grupo as pessoas começam a conhecer o valor nutricional dos alimentos, ler os rótulos dos produtos industrializados e conhecer o que é bom e o que é ruim para a saúde. Passam a ter a sua própria horta, cuidar melhor dos seus pomares, procurar por alimentos ecológicos, fazer a sua própria farmácia caseira, reduzindo a compra de remédios allopáticos. Muitas ganharam saúde e passaram a procurar alimentos saudáveis.

Por que estamos aqui hoje? Estamos aqui, para aprender mais com a palestrante professora, Engenheira Agrônoma da Universidade de Passo Fundo, Cláudia Petry, aumentando e somando conhecimentos sobre o tema. Também viemos para confraternizar e mostrar um pouco do que aprendemos em nossos encontros mensais ou bimensais. Cada grupo trouxe alguma receita para saborearmos, que fazem parte da nossa alimentação, da nossa mesa de cada dia. Porque comida boa na mesa é tudo!”

RECEITA

Frozen de iogurte

Ingredientes

4 potes de iogurte natural integral ou 4 potes de kefir
2 xícaras de chá de morango congelado orgânico ou outra fruta vermelha
açúcar mascavo ou mel a gosto
2 colheres de sopa de chia orgânica

Modo de preparo

Bater todos ingredientes no liquidificador. Pode ser consumido na hora ou ser colocado no freezer.

Indicação

Ideal para dias quentes. Refrescante e nutritivo. Repõe vitaminas e sais minerais.



Resistência a políticas desfavoráveis à Agroecologia

Textos Cláudia Dreier

Vários desafios confrontam a vontade de quem está na agricultura familiar praticando Agroecologia e de quem quer praticá-la: ter terra para produzir e liberdade para nela trabalhar; acesso a sementes limpas; um ambiente sem contaminação de agrotóxicos; assistência e tecnologias disponíveis; e espaço para comercializar os produtos.

No último Encontro Ampliado da Rede Ecovida, foi abordado o comércio de Certificado de Reserva Ambiental (CRA). Empresas pagam a quem pertence a terra certo valor anual para que ela permaneça intocada a título de preservação. O aparente bom negócio, para o ambiente e a família que ali vive, se torna uma cilada ao impedir o uso de recursos naturais que estão na área: como água, manejo de agroflorestas e outros, incluindo o direito de ir e vir naquele espaço.

Ameaças a instituições, restrições a projetos de pesquisa e ao pagamento de técnicas e técnicos que trabalham com Agroecologia foram apresentados e registrados na Carta Agroecológica do Cerrado, documento final do X Congresso Brasileiro de Agroecologia realizado de 12 a 15 de setembro em Brasília. *(A íntegra do documento está em <http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2017/09/Carta-Politica-do-Cerrado-ABA-agroecologia-1.pdf>.)*

Programas públicos que adquiriam alimentos da agricultura familiar, PAA e PNAE, sofrem drásticas reduções *(ver entrevista ao lado)* em prol de grandes empresas. Esse obstáculo é contornado pela credibilidade a partir da relação de trabalho local, como relata a produtora Lorita Sonntag que, juntamente com o marido Erci, aparece na foto de capa desta edição *(ver matéria sobre credibilidade)*.

Se por um lado transgênicos e novas leis ampliam o uso de agrotóxicos *(ver artigo pg. 02 e depoimento)* e querem controlar sementes crioulas *(ver nota abaixo)*, por outro contrapõe-se a organização de movimentos visando conter tais danos. Uma manifestação em massa consegue modificar decretos do próprio Michel Temer, que está na presidência da República, como foi em 26 de setembro, quando ele decidiu revogar o decreto de extinção da Reserva Nacional de Cobre e Associados (Renca), uma vasta área da floresta Amazônica.

O acesso às informações corretas permite articulações e mobilização. Os integrantes da comissão e os trâmites do projeto que visa alterar a liberdade de produção das sementes, PL 287/2015, podem ser conhecidos no link que relata as reuniões desta Comissão Especial criada para discuti-lo. O PL já recebeu parecer favorável, mas ainda não foi votado. Acompanhar o que se passa e se manifestar pode mudar a História. Para tal PL, acesse: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/especiais/55a-legislatura/pl-0827-15-aprimora-lei-de-protecao-de-cultivar>.

NOTA DE REPÚDIO

Nota de repúdio ao controle privado das sementes crioulas

Reunida na manhã de hoje, 29/08/2017, a Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo/RS (AAVRP) vem manifestar-se em REPÚDIO ao Anteprojeto elaborado pelo Ministério da Agricultura (MAPA) que prevê o controle privado sobre SEMENTES CRIOULAS, PL 827/2015, projeto esse que visa regular o acesso e o uso da agrobiodiversidade brasileira, sem debate com as entidades e representações legítimas para isso.

A AAVRP entende que esta proposta dará o MAPA poderes de controlar as SEMENTES CRIOULAS, através da obrigatoriedade de registro das variedades e raças nem banco de dados, possibilitando que as grandes empresas se apropriem dessas sementes e de outros produtos da biodiversidade.

Não aceitamos o lobby das multinacionais das sementes e venenos, bem como da bancada ruralista com suas instituições, que têm por objetivo precarizar ainda mais os direitos das gentes do Campo Brasileiro.

Pela autonomia produtiva e de vida dos/as Agricultores/as Familiares! As Sementes Crioulas são do POVO e com o POVO devem ficar!



Cláudia Dreier

RT - Conte-nos sobre a história da Agroecologia no Brasil.

Laércio - Difícil, história longa. Mas posso dizer que é uma história construída muito mais pela sociedade civil. ONGs, famílias produtoras, consumidoras e consumidores que optam por produtos sem venenos. Nos últimos anos, talvez nos últimos 15 anos, os Governos ensaiam políticas públicas de apoio, sempre tímidas, aquém da demanda de pessoas envolvidas com o tema e muito aquém do apoio dado aos transgênicos e agrotóxicos.

RT - Como está a situação da Agroecologia no atual contexto político e econômico? O que aconteceu a partir da posse de Temer?

Laércio - Se o apoio antes era tímido e aquém do necessário, agora tende a ser nulo. Rapidamente políticas conquistadas com luta, muito diálogo e pressão popular vêm se deteriorando, com orçamentos reduzidos ou mudanças claras de rumo. Momento sombrio para quem aposta que a sociedade deveria se organizar no rumo de um país mais fraterno, solidário e ecológico.

RT - Quais os impactos desse novo contexto para agricultoras e agricultores, associações, cooperativas?

Laércio - Olha só, a Agroecologia não para de crescer. A opção por este modo de fazer agricultura cresce, principalmente entre agricultoras e agricultores familiares, assentamentos, povos e comunidades tradicionais. Cresceu muito nos últimos anos, mas segue marginal. A sociedade civil tem feito o possível, mas com escassez de recursos e navegando contra uma corrente liderada pelas grandes transnacionais e subsidiadas pelos governos não tem capacidade de massificar esta opção.

Este ano a Bayer comprou a Monsanto em uma transação financeira da ordem de 66 bilhões de dólares. Quando ouvi este número, pensei: “só falta um 6...”. Este número ilustra o poder financeiro deste setor. Este modelo convencional de agricultura destrói solos, intoxica ambientes, águas e alimentos. Adoece e mata as pessoas. Esta realidade impacta violentamente a sociedade como um todo, famílias agricultoras e suas organizações em particular. Agora, em um contexto onde o pouco que havíamos conquistado vem sendo retirado, ainda mais tardaremos a construir o futuro, a meu juízo inevitável, de um país, quase tenho vontade de dizer um planeta, mais justo social e ambientalmente.

RT - O caso de políticas como o PNAE e o PAA são exemplos deste retrocesso nas políticas públicas de apoio à Agroecologia?

Laércio - Sim. Estas duas políticas colaboram com a construção de circuitos curtos de comercialização, ou seja, aproximam quem produz de quem compra. O PAA é uma política pública criada no governo Lula, em 2003, com a função de promover o acesso à alimentação de qualidade e incentivar a agricultura familiar. Ele prevê a compra de alimentos de comunidades produtoras mais descapitalizadas e entrega a

“O trabalho cresce, mas segue à margem”

Para falar da situação da Agroecologia diante do contexto político-econômico atual, o Recado da Terra entrevistou Laércio Meirelles, que teve importante papel na criação do sistema de certificação participativa e no surgimento da Rede Ecovida de Agroecologia.

“Considero-me um privilegiado por estar na Rede desde o seu surgimento”, comentou ele durante o último Encontro Ampliado da entidade *(foto ao lado)* que aconteceu no mês de abril de 2017, em Erechim/RS.

O agrônomo e coordenador do Centro Ecológico, ONG com sedes em Ipê/RS e Dom Pedro de Alcântara/RS, trabalha com formação e assessoria em Agricultura Ecológica desde 1985. Segundo ele, sua trajetória profissional busca estimular que quem está fora da Agroecologia entre, e que quem está dentro se articule.

quem os necessita, como banco de alimentos, creches públicas, etc. O PNAE determina que 30% da merenda escolar adquirida pelo Estado venha da Agricultura Familiar.

Qual pessoa é contra isto? Quem discorda de usar recursos públicos para estimular a compra de feijão, arroz ou leite de produtoras e produtores locais? Na minha opinião só quem economicamente perde. Empresas grandes ou atacadistas que se acostumaram a ter este mercado à sua disposição. Além disto, estes dois programas preveem o pagamento de um sobrepreço se o produto for orgânico. Esta é uma política indutora de desenvolvimento de cunho ecossocial.

RT - Como está a situação atual do PNAE, do PAA e dos programas de ATER?

consumo de alimentos produzidos dentro de uma ética de cuidado social e ambiental. Acreditado muito também em ampliar o diálogo com a sociedade. Quem consome precisa saber mais sobre o que come, de onde vem seu alimento, quais implicações para sua saúde e qual impacto do modo de produção sobre o planeta. Mesmo com nossos poucos recursos devemos pensar em estratégias inteligentes e criativas para ampliar o diálogo e a informação com e ao público urbano.

RT - Você não mencionou políticas públicas de apoio à Agroecologia... estaria abrindo mão delas?

Laércio - Não, não estou abrindo mão. E nem poderia, são recursos públicos, impostos, que deveriam ser revertidos para o bem comum. Fundamental seguir lutando para que a Agroecologia tenha o apoio ao qual faz jus pela inteligência



Laércio na plateia do Encontro Ampliado da Rede Ecovida que, em abril, reuniu 1.500 pessoas em Erechim/RS.

Laércio - Neste governo atual, o PAA praticamente desapareceu e o PNAE vem sofrendo revezes. O programa de ATER também tem sofrido cortes substanciais, o que coloca em risco a própria presença de uma assistência técnica de qualidade e gratuita no meio rural.

RT - E quais seriam as alternativas, soluções, atitudes ou práticas para fortalecer a Agroecologia no contexto atual?

Laércio - Acho que não existe novidades nesta receita. Mais do mesmo, no melhor sentido da expressão. O que quero dizer? Entendo que o principal é seguirmos estimulando a opção pela Agroecologia. Com as forças das organizações populares, devemos seguir promovendo a integração entre aqueles que já fizeram esta opção. Cooperativas, associações, grupos informais, Redes de produtores e/ou consumidores que reúnam pessoas interessadas na produção e

agronômica e consequências ecossociais que seus pressupostos e prática encerram. Mas... neste contexto que estamos, talvez seja conveniente dosar nosso esforço em pressionar por políticas públicas. Pelo simples e triste fato do governo atual parecer imune a estes apelos e pressões. Como somos poucos e com poucos recursos, talvez seja o momento de despendar a maior parte deles em resistir para sobre existir e nos fortalecermos para momentos mais favoráveis.

RT - E ainda assim você parece não perder o otimismo. Como mantê-lo neste cenário?

Laércio - Não sei se sou otimista. Vou repetir aqui Ariano Suassuna: “Todo otimista é um tolo, todo pessimista um chato, eu sou um realista esperançoso”. Me identifico com ele nesta ideia de manter o pé na realidade, que tem se mostrado difícil, e a esperança em um futuro melhor. Para todas e todos.



Thomas Lohnes

A relação direta com quem compra, como na feira assessorada pelo CAPA/Núcleo/Pelotas/RS, conquista confiança.

Credibilidade impulsiona produção

“As mudanças políticas recentes não influenciaram nossa participação no PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) em Mercedes/PR. Fornecemos alimentos há cinco anos, criando uma relação forte, bem estabelecida, com a comunidade local”, afirma Lorita Sonntag, agricultora, conselheira do CAPA/Núcleo/Marechal Cândido Rondon/PR e presidente da ACEMPRE, Associação Central dos Produtores Rurais Ecológicos de Rondon. Ela e seu marido Erci praticam a agricultura ecológica desde 2001.

Quem vê a foto da capa desta edição do Recado, que mostra o casal no meio da horta diversificada e ao lado da estufa, sequer imagina as dificuldades enfrentadas por Lorita e Erci para produzirem alimentos no sistema agroecológico. “Na imagem você pode ver que Erci só tem uma mão, ele perdeu a outra operando a forrageira. E isto mudou tudo”.

Há 16 anos, com três filhas pequenas, a família praticava a agricultura convencional, produzindo soja e milho. Ao aplicar venenos, Erci vivia doente, com dor de cabeça e outros sintomas da intoxicação. “Depois do acidente o nosso mundo caiu. Pensamos em vender o chão e ir para a cidade trabalhar com comércio. Pessoas amigas ouviram nossos planos no culto de domingo e comentaram com o pastor Ari Käfer da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Na semana seguinte, ele veio aqui em

casa, nos disse que essa situação de desespero iria passar e nos deu a ideia de produzirmos hortaliças. Também indicou o CAPA, uma referência para produzir sem utilizar agrotóxicos” conta ela.

Em poucos dias, Erci procurou o CAPA e por dois anos realizou cursos de Agroecologia. “No início falei para ele desistir, a transição de um modelo para outro é difícil, mas ele foi persistente, pegou firme e deu certo”. Em dois anos a propriedade estava certificada pelo IBD e, a partir de 2006, a certificação é da Rede Ecovida.

Três hectares da propriedade são certificados e neles está a horta que produz mais de 20 tipos de hortaliças. A família agora inicia o cultivo de oito variedades de feijão, cujas sementes foram fornecidas pelo CAPA. Além da merenda escolar, a produção é oferecida na ACEMPRE, na feira de Mercedes e nas entregas a domicílio.

“Como produzimos alimentos orgânicos há muitos anos, as pessoas conhecem os Sonntag e a procura por comida saudável só aumenta”, afirma Lorita, reforçando que não há dificuldades de comercialização. Para ela os grandes desafios que a Agroecologia enfrenta nos dias de hoje são as sementes e produtos transgênicos, os agrotóxicos e a falta de mão-de-obra. Duas filhas do casal moram na cidade e a mais velha tem uma horta orgânica. “Sempre que Angélica vem nos visitar, volta para casa com caldas e homeopatas para aplicar nas plantas que cultiva.”

DEPOIMENTO

A que custo é produzida a Soja brasileira?

Talvez essa pergunta seja o ponto norteador para uma reflexão emergencial e necessária que precisa ser feita. O detalhe não é discutir o valor monetário que a soja representa para a balança econômica brasileira (PIB) ou a importância para a alimentação animal, mas sim refletir o impacto ambiental que sua produção causa à natureza, sociedade e a saúde humana.

A chegada dos transgênicos veio com um forte discurso de que sua utilização era necessária a fim de reduzir a quantidade de agrotóxicos colocados nas lavouras convencionais. Entretanto, aí está a ironia, a partir de sua legalização, o Brasil conquistou o triste título de campeão mundial no consumo de agrotóxicos, atualmente com uma média de consumo de cinco litros por habitante. Como isso é possível?

Diante deste contexto, entre os dias 18 de junho a 3 de julho, eu e um grupo de oito agricultoras e agricultores agroecológicos estivemos na Alemanha, em um intercâmbio promovido pela Mission EineWelt e CAPA/Núcleo/Verê/PR para discutir os impactos da produção da soja nos dois países.

Nessa oportunidade, tivemos importantes diálogos com professoras e professores de universidades de ciências agrárias, presidentes de sindicatos de suinocultores, agricultoras e agricultores, a fim de conhecer as realidades e expor os problemas de saúde e ambientais, que envolvem a produção da soja brasileira.

É importante destacar que na Alemanha não existe produção de transgênicos em nível comercial e sua produção é proibida. Isso deve-se em função de que a maior parte de consumidoras e consumidores está sensibilizada e opta por não consumir alimentos transgênicos, pois conhecem seus malefícios.

Mesmo diante disso, atualmente a Alemanha importa soja transgênica brasileira, que na sua maioria é destinada para a fabricação de ração animal. E aí eu me pergunto: as consumidoras, os consumidores alemães sabem que consomem indiretamente transgênicos com elevada quantidade de agrotóxicos?

Por Jhony Luchmann

XIV Festa Regional das Sementes em Verê

Texto Cláudia Dreier

Semeando biodiversidade, colhendo comida saudável para o campo e cidade foi o tema da XIV Festa Regional das Sementes que aconteceu no dia 20 de julho de 2017 no município de Verê/PR. Organizado pelo Fórum Regional das Organizações e Movimentos do Campo e da Cidade o evento recebeu cerca de mil agricultoras, agricultores e camponeses de toda região sudoeste do Paraná e também de outras regiões do estado como Guarapuava, São João do Triunfo, Palmeira, Fernandes Pinheiro e Marechal Cândido Rondon.

“Um dos motivos de realizarmos essa festa no Verê, foi o aniversário de 20 anos CAPA Núcleo Verê” explica o Coordenador Jhony Luchmann. Ele fez um breve histórico da atuação do CAPA na região, bem como as dificuldades e conquistas ao longo dos anos de caminhada e em seguida apresentou o vídeo da Campanha Comida Boa na Mesa.

Na parte da manhã, a mística de abertura da festa foi feita pelas crianças das escolas municipais e do

Centro Municipal de Educação Infantil de Verê, que confeccionaram mandalas de sementes e cantaram paródias sobre elas.

Laércio Meirelles, do Centro Ecológico de Ipê/RS, palestrou sobre o monopólio de meia dúzia de

grandes empresas mundiais que dominam a produção e o comércio de sementes, agrotóxicos e transgênicos. “O domínio das sementes é dos povos e com eles deve permanecer, mas que esse direito está sendo colocado em risco” en-

fatizou Laércio, destacando ainda que eventos como esse “reforçam a nossa capacidade de resistência a essa opressão que vem sobre nós”.

No momento aberto para perguntas, um agricultor perguntou se a Agroecologia conseguiria alimentar toda a humanidade. Laércio respondeu que “nem a agricultura tradicional consegue alimentar toda a humanidade, há sempre cerca de um bilhão de pessoas passando fome, porque o problema não é a falta de alimentos, mas sim a má distribuição”. Conclui dizendo que gostaria que a Agroecologia tivesse uma chance para alimentar a humanidade.

A partilha das sementes é o momento mais esperado pelas agricultoras e agricultores e um dos mais bonitos da festa. Neste ano ele foi abençoado pelo Bispo da Diocese de Francisco Beltrão e Palmas, Dom Edgar Ertl, que chamou atenção para importância da produção agroecológica e destacou as ações das organizações, como o CAPA que estão preocupadas com o futuro da produção de alimentos saudáveis.



Crianças da rede municipal de ensino participam da mística de abertura da festa.

Santa Cruz recebe prêmio Folha Verde

Texto Cláudia Dreier

“Este é um reconhecimento oficial da Agroecologia e sua contribuição para a produção de alimentos mais limpos que respeitam a natureza e promovem a soberania e segurança alimentar e nutricional” afirmou o engenheiro agrônomo Sighard Hermany ao receber o Prêmio Folha Verde, no Setor de Agricultura Ecológica, edição de 2016, da Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Estado do RS, representando o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) Núcleo/Santa/Cruz do Sul/RS.

Ele ressalta a relevância de receber este prêmio em um cenário onde o Brasil é o campeão mundial no consumo de agrotóxicos. Na mesma semana da entrega do Folha Verde, em dezembro, foi divulgada matéria *Perigo no prato* que discute sobre a contaminação dos alimentos por agrotóxicos. “Diante desta realidade, o CAPA em seus 05 núcleos, no sul do Brasil, está desenvolvendo a campanha *Comida Boa na Mesa* com o objetivo de promover reflexões sobre a qualidade da nossa comida e seu acesso por todas as pessoas, a dignidade para quem produz e o papel da agricultura familiar.”

(Veja no box ao lado a continuação da sua fala)

Equipe do CAPA na cerimônia de premiação.



“... Este prêmio, com certeza também expressa o resultado de anos de convicção, dedicação e persistência em favor da promoção da Agroecologia especialmente nos vales do Rio Pardo, Taquari e Jacuí e da contribuição do CAPA nesta promoção. Mas este não é um Prêmio só do CAPA: resulta do somatório de ações e parcerias de muitas pessoas e organizações.

Queremos partilhá-lo com agricultoras, agricultores, juventude rural e povos tradicionais que acreditam na Agroecologia, a praticam e a adotam como um jeito de viver. Com organizações próximas ao CAPA Santa Cruz, como a cooperativa ECOVALE e os mais de 20 grupos de saúde comunitária onde mulheres se dedicam a cuidar da saúde de suas famílias.

Com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que em 1978 percebeu os problemas causados pela agricultura química à saúde, às pessoas, ao meio ambiente. E contribuiu para o enfrentamento desta realidade, criando o CAPA, como um serviço a disposição das famílias agricultoras, indígenas e quilombolas, para com elas buscar alternativas, numa perspectiva ecumênica, sem distinção de crença religiosa, étnica, cor, raça ou política e com equidade de gênero e gerações.

Partilhar com os 05 Núcleos do CAPA atuantes nos 03 estados do sul do Brasil, com os quais, de forma conjunta, construímos nossas ações e damos maior amplitude a elas.

Com a Fundação Luterana de Diaconia, nossa organização parceira estratégica na articulação entre os núcleos e articulação de projetos, especialmente com a nossa organização parceira da cooperação internacional, Pão Para o Mundo. Com a Instituição Sinodal de Assistência Educação e Cultura, responsável pela nossa segurança jurídica e contábil na execução dos projetos.

Com a Rede ECOVIDA de Agroecologia e suas organizações, da qual fazemos parte construindo e dando maior amplitude ao desenvolvimento da agroecologia.

Com organizações locais mais próximas: as Escolas Família Agrícola, de Santa Cruz do Sul e Vale do Sol, e o Colégio Teutônia, onde realizamos ações conjuntas, com a juventude e crianças.

Com a Universidade de Santa Cruz do Sul, com a qual a nossa parceria está na área da comunicação e a assessoria de professores e professoras em diferentes áreas.

Com os municípios de Vale do Sol, Candelária, Vera Cruz e Westfália, com os quais mantemos convênios para o desenvolvimento da Agroecologia e promoção da saúde junto aos seus municípios, com os destaques para o Vale do Sol, onde mantemos convênio de forma ininterrupta, desde a criação do município, e Vera Cruz, pioneiro no Vale do Rio Pardo na inclusão de alimentos orgânicos da agricultura familiar para Alimentação Escolar no ano de 2000.

Com as empresas MERCUR/AO PONTO, parceiras na inclusão de produtos orgânicos e na alimentação de 600 trabalhadoras e trabalhadores da MERCUR.

Com a Cooperativa de Prestação de Serviços de Assistência Técnica e Educação Rural, do Movimento dos Pequenos Agricultores, na execução de chamada de ATER em Agroecologia e com Sindicato de Trabalhadores Rurais de Cachoeira do Sul e Novo Cabrais.

Temos uma série de ações parceiras mais pontuais, com a UERGS, Articulação em Agroecologia nos Vales do Rio Pardo e Taquari, alguns escritórios municipais da EMATER, e outros.

Reafirmamos a nossa convicção na Contribuição da Agroecologia para produção de alimentos mais limpos, saudáveis, redução dos impactos das mudanças climáticas, preservação da água, promoção da paz, e espaço de vida para muitas famílias, assuntos estes que estão entre as grandes preocupações atuais da humanidade.

É nossa expectativa, que este Prêmio contribua para a abertura de portas e espaços, especialmente junto às administrações públicas, em nível estadual, federal e municipal para o estabelecimento de parcerias e repasse de recursos para organizações da sociedade civil de atuação histórica e reconhecida na promoção da Agroecologia.” Por Sighard Hermany

ABONG discute resistência e alternativas

Texto Cláudia Dreier

A Associação Brasileira de ONGs (ABONG) organizou o Seminário Nacional “A Agenda das Resistências e as Alternativas para o Brasil: Um Olhar desde a Sociedade Civil”. O evento reuniu entidades e movimentos sociais entre os dias 16 e 18 de agosto em São Paulo/SP. Entre os 80 participantes estiveram Severino Macagnam, engenheiro Agrônomo do CAPA/Núcleo/Erexim/RS, e Marilu Menezes, coordenadora programática da Fundação Luterana de Diaconia, FLD.

Participaram do Seminário representantes de organizações, movimentos sociais, redes de movimentos e plataformas de articulações para um momento de reflexão, debate e discussão coletiva frente à crise política, econômica e social que vive o País, seus impactos para a democracia e os direitos humanos e, principalmente, para

indicar qual deve ser o papel da sociedade civil organizada neste contexto.

Ivo relatou a experiência da Rede Ecovida de Certificação Participativa na fala *Práticas Agroecológicas e Bens Comuns*, dentro do painel *As Resistências - Os paradigmas do bem viver e dos bens comuns nas práticas das organizações populares e dos movimentos sociais no campo e na cidade*.

“Além da posição política de governos, a produção de comida saudável deve continuar e persistir para que um dia ela venha a se tornar uma política pública” afirma Ivo. “A atual administração não é nada saudável para a população mais carente”, comenta ele referindo-se ao corte de direitos humanos e a inclinação dos chefes de Estado em direção ao neoliberalismo, aos empresários e à concentração de renda. “Infelizmente, além do poder executivo, a maioria do le-

Arquivo Núcleo/Erexim/RS



CAPA Erexim/RS participa de painel em seminário nacional da ABONG.

gislativo federal segue essa mesma cartilha”.

No final do evento, a proposta de criar um documento comum não foi

concretizada devido à diversidade dos movimentos, pois cada um possui uma visão diferente com pautas prioritárias distintas.

Entrega de kit de homeopatia

Uma novidade da 4ª edição do Curso de Extensão de Homeopatia na Agricultura foi a entrega de um kit contendo 26 medicamentos básicos, os que são mais utilizados na homeopatia, a cada participante.

“Propositadamente, os medicamentos possuem uma dinamização baixa, o que permite serem multiplicados conforme as necessidades”, explica Vilmar Saar, coordenador do CAPA Núcleo Marechal Rondon/PR. Além dos medicamentos, a caixa de madeira contém outros 15 frascos vazios, o que permitirá a cada pessoa aumentar a sua farmácia básica.

Participam do curso, que é realizado em dez etapas, a cada dois anos, profissionais, estudantes, agricultores e agricultoras. Ele resulta de uma parceria do CAPA/Núcleo/Marechal Cândido Rondon/PR com a UNIOESTE Campus Marechal Cândido Rondon, e recebe apoio de ITAIPU Binacional.

“Graças às parcerias e ao somatório de esforços, a homeopatia vem tendo significativo desenvolvimento e uma grande aceitação na região Oeste do

Paraná” ressalta Vilmar. “Já capacitamos mais de 200 profissionais e lideranças nos cursos de extensão”.

Para agricultoras e agricultores existe o curso básico realizado em dois dias, onde além da teoria, participantes recebem a Cartilha Homeopatia Simples, que está na 4ª edição, com 16 mil exemplares impressos. Segundo Vilmar, já foram ministrados em torno de 30 cursos, capacitando mais de 600 pessoas.

Na Região Oeste do Paraná, o trabalho do CAPA com homeopatia na agricultura iniciou-se no ano de 2004 e tem por objetivo reduzir os custos de produção e proporcionar maior autonomia e renda a quem produz.

Um relato mais detalhado desta experiência consta na Plataforma de Boas Práticas para o Desenvolvimento Sustentável, criada pela FAO, pela Itaipu Binacional e pelo Governo do Estado do Paraná. Acesse a plataforma e leia a íntegra do projeto em <http://www.boaspraticas.org.br/index.php/pt/areas-tematicas/agricultura/158-homeopatia-na-agropecuaria-pt>.

Participantes do 4º Curso de Homeopatia na Agricultura recebem seus kits de medicamentos.



Arquivo CAPA/Núcleo Rondon/PR

Arquivo CAPA/Pelotas/RS



Daiane com sua filha na sede do CAPA Núcleo Pelotas/RS.

Conquista de direitos

“Em 2017 as mulheres quilombolas passam a acessar o Auxílio Maternidade e essa conquista é um reconhecimento da profissão, permitindo o acesso a uma série de direitos que não se tinha anteriormente” afirma Rita Surita, coordenadora do CAPA/Núcleo/Pelotas/RS.

Depois da conquista para emitir o talão de produtor (ver *Recado da Terra Primavera 2016*), as agricultoras Quilombolas continuam sendo pioneiras na conquista de direitos. O primeiro talão foi emitido por uma agricultora: Rosa Maria Lacerda Siqueira, do Quilombo do Algodão, em 2016.

Em 2017, no mesmo quilombo, foi a vez de Daiane da Silva Farias ser pioneira: ela foi a primeira agricultora quilombola da região a acessar o Auxílio Maternidade. Tais conquistas resultam de um esforço conjunto das comunidades quilombolas e do CAPA.

RECADO DA TERRA - Primavera 2017 - 09



DESTAQUES 2017

29 de maio
Alimentos Orgânicos no Tribuna Livre na Câmara de Vereadores de Erechim/RS. CAPA Erechim

15 de maio e 19 de junho
1º e 2º módulos de Cooperativismo para os associados da Ecovale e grupos em parceria com a UNISC. Santa Cruz do Sul /RS. CAPA Santa Cruz.

18 de junho a 3 de julho
Visita à Alemanha. Várias cidades germânicas. CAPA Verê.

06 de julho
Seminário da Rede Ecovida sobre Produção de Mudanças. Santa Cruz do Sul /RS. CAPA Santa Cruz.

Vida Diversificada no Cine Agroecologia

“Vida Diversificada” participou do Cine Agroecologia, evento que fez parte do Congresso Brasileiro e Latino-Americano de Agroecologia, realizado em Brasília de 12 a 15 de setembro de 2017. O filme mostra um projeto do CAPA/Núcleo/Pelotas/RS para a diversificação de plantios em áreas de tabaco.



26 de julho
Formação de Merendeiras da Rede Municipal de Vale do Sol com o tema Comida Boa na Mesa e auto estima. Vale do Sol/RS. CAPA Santa Cruz.

10 e 11 de agosto
XVI Dia da troca das Sementes Crioulas. Ibarama/RS. CAPA Santa Cruz.

16 de agosto
Seminário da Agricultura Familiar. Palmitos/SC. CAPA Erechim.

22 de agosto
Seminário da Agricultura Familiar em Nova Estrela. Arabutã/SC. CAPA Erechim.

31 de agosto
Intercâmbio: Agroecologia ao Grupo de Mulheres da Forqueta. Arroio do Meio /RS. CAPA Santa Cruz.

07 a 09 de setembro
Encontro Nacional da Pastoral Popular Luterana. Realização de oficina com o tema Comida Boa na Mesa. Cascavel/PR. CAPA Rondon e Verê,

12 de setembro
Oficinas sobre produção de sementes orgânicas. Verê/PR. CAPA Verê.

13 de setembro
Intercâmbio promove troca de experiência. Núcleos Pelotas/RS e Santa Cruz/RS visitam produtoras e produtores da Região de Verê/PR. CAPA Verê.

26 a 28 de setembro
11ª Reunião Técnica Estadual de Plantas Bioativas com oficinas para mulheres.Erechim/RS. CAPA Erechim.

28 de setembro
11º Fórum de Meio Ambiente da Juventude do Alto Uruguai.Erechim/RS. CAPA Erechim.

Feira de sementes em Canguçu/RS



Dias 06, 07 e 08 de outubro acontece a 8ª Festa Estadual de Sementes Crioulas e Tecnologias Populares no Ginásio Municipal de Canguçu/RS.

O evento inicia com o Fórum da Agricultura Familiar, às 9h de sexta-feira, no auditório da CETAC. Para o período da tarde estão previstas atividades com Sebastião Pinheiro, Guardiões Mirins e relatos no Acampamento da Juventude.

No outros dois dias acontecem o Culto Ecumênico, apresentações artísticas, atividades culturais e a consagrada Feira de Troca de Sementes.

PRÓXIMOS EVENTOS

02 a 04 de outubro
Plenária de Núcleos da Rede ECOVIDA. Torres/RS. Todos os Núcleos do Consórcio CAPA.

06 de outubro
Acampamento de 500 jovens da Rede Sinodal. Apresentação e Divulgação da Campanha Comida Boa na Mesa. Horizontina /RS. CAPA Erexim.

11 de outubro
Tarde Técnica sobre Sistemas Agrícolas Florestais. Canguçu/RS. CAPA Pelotas.

16 de outubro
Dia Mundial da Alimentação. Palestra Comida Boa na Mesa. Vale do Sol/RS. CAPA Santa Cruz.

16 de outubro
Dia Mundial da Alimentação. Diversas atividades em escolas e universidades. CAPA Erexim.

28 de outubro
Assembleia Geral da ACEMPRE. Marechal Cândido Rondon/PR. CAPA Rondon.

29 de outubro
Dia da Igreja Sínodo Centro Campanha Sul. Com banca da ECOVALE e apresentação do vídeo Comida Boa na Mesa. Restinga Seca/RS. CAPA Santa Cruz.

29 de outubro
Dia da Igreja Sínodo Noroeste Rio Grandense. Com banca da ECOVALE e realização de oficinas de alimentação com o tema Comida Boa na Mesa. Santa Rosa/RS. CAPA Santa Cruz.

29 de outubro
Dia da Igreja Sínodo do Rio Paraná. Palotina/PR. CAPA Rondon e Verê.

29 de outubro
Dia da Igreja Sínodo do Sínodo Uruguai em Nova Estrela. Com banca do CAPA. Arabutã/SC. CAPA Erexim.

01 e 02 de dezembro
Encerramento do 4º Curso de Homeopatia para a Agricultura. Apresentação da Campanha Comida Boa na Mesa no jantar de confraternização.Marechal Cândido Rondon/PR. CAPA Rondon

VITRINE

O LIVRO **Manejo Agroecológico de doenças:** uma visão tecnológica, de Sérgio Miguel Mazaro, foi publicado com a colaboração do CAPA Núcleo Verê/PR.



A obra é uma síntese de práticas preventivas em plantas cultivadas e resgata princípios básicos de fitopatologia no manejo de doenças em cultivos. Contempla viveiros florestais, cultivos anuais, olericultura, fruticultura, florestas cultivadas, pasgens e árvores de paisagismo urbano. Maiores informações sobre ela estão no CAPA NúcleoVerê/PR.



Milpa - Consórcio de Plantas foi o VÍDEO produzido pelo CAPA Núcleo Pelotas/RS que mostra como pode ser feito um plantio que traz vantagens por associar espécies colaborativas como milho, feijão e abóbora. O filme teve mais de cinco mil visualizações no facebook do CAPA Pelotas e também pode ser visto no canal da entidade no youtube, em <https://www.youtube.com/watch?v=qAqdlUGJe1s>

MÍDIA E PUBLICAÇÕES

Site institucional: www.capa.org.br

CAPA Erexim/RS
Facebook: CAPA Erexim. **Jornal** do Sínodo Uruguai
CAPA Marechal Cândido Rondon/PR
Facebook: Capa Rondon.

CAPA Pelotas/RS
Facebook: CAPA - Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia. **Programa:** Terra Limpa, Rádio Litoral Sul FM, 104.3, quintas-feira das 8h10 às 8h40 min. Na web: <http://www.radiolitoralsulfm.com.br/>

CAPA Santa Cruz/RS
Publicação anual: **Calendário Lunar Agrícola**, lançado em novembro.
Livros: *Cartilha Sabores e Saberes*, CAPA S. Cruz. *A vitória de João Pardo: na busca de alternativas aos agrotóxicos*, Silvio Meinke. Reservas e aquisições: (51) 3715 2750 ou e-mail: santacruz@capa.org.br
Facebook: Cooperativa ECOVALE

CAPA Verê/PR
Facebook: Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia - CAPA Núcleo Verê
Publicação anual: **Agenda do Agricultor**, lançada em janeiro. Reservas e aquisições: (46) 3535 1119 ou e-mail: vere@capa.org.br

Soberania alimentar é tema de evento na Guatemala

DECLARAÇÃO

Declaração de Iximulew*, 09 de setembro de 2017

A ALIANZA afirma que continuará a ser uma força para a unidade dos povos da América Latina e do Caribe que lutam pela Soberania Alimentar como elemento fundamental na construção de um novo modelo de sociedade, baseado no Bem Viver, na Soberania Popular e na Justiça Social e Ambiental; e posiciona a Agroecologia como um modo de vida e uma proposta política sustentável e solidária ao modelo de desenvolvimento capitalista, patriarcal e neoliberal hegemônico, que devasta nossos sistemas alimentares, ambiente, conhecimentos ancestrais e adquiridos.

A luta pela soberania alimentar como princípio, direito e dever construído pelos povos, tornou-se uma sólida proposta de desenvolvimento e tem apoio internacional de organizações e movimentos sociais.

A defesa de nossos territórios (terras, oceanos, água e florestas) não é negociável e fortalece a luta contra a apropriação de terras, a privatização de propriedade coletiva, a agricultura industrial que comercializa vida e tem relações trabalhistas precárias... Continuaremos a lutar para manter nossos territórios, mares e rios livres de poluição e degradação causados pela aplicação de produtos químicos pelo agronegócio, pelos impactos da mega mineração e megabarragens produzidos pelo modelo hegemônico capitalista.

Defendemos a autodeterminação, o Princípio do Consentimento Livre, Prévio e Informado (CLPI) dos povos, que leve a uma Reforma Agrária Integral promovendo a restituição e reconstrução territorial, rural, urbana e aquática e a posse da terra a povos indígenas.

Defendemos a Biodiversidade e a proteção de sementes crioulas e nativas, das práticas agrícolas tradicionais e do conhecimento de nossos povos tradicionais, como uma resposta concreta às mudanças climáticas e aos sérios problemas globais que nossa Mãe Terra sofre. A agroecologia atenua as mudanças climáticas e responde à produção de alimentos saudáveis com uma economia social e solidária respeitando a biodiversidade, a vida das florestas, solos e água. Nos manifestamos contra todos os tipos de tecnologia transgênica e geoengenharia que ameaçam e destroem os ecossistemas terrestres e aquáticos e apropriam ou contaminam o conhecimento ancestral.

Reconhecemos a contribuição de mulheres que historicamente construíram conhecimentos na agricultura, pesca, coleta e preparação de alimentos para a sustentabilidade da vida e da economia das comunidades e do mundo, incluindo seu trabalho de cuidadoras. Denunciamos o aumento do conservadorismo na sociedade e da perseguição às mulheres que lutam, resultando no aumento da violência sexual e dos feminicídios.

Rejeitamos o sistema capitalista hegemônico, patriarcal, violento, militarizado e discriminatório, responsável pela geração de fome e pobreza humana, pela degradação ambiental, pela criminalização de nossas lutas e resistências, e por todos os tipos de violência contra a humanidade. E reafirmamos nosso compromisso com a igualdade entre homens e mulheres, com respeito pelos direitos da juventude, de pequenas produtoras e produtores, de pescadoras e pescadores, da dignidade da vida humana e da conservação do nosso planeta.

O Direito Humano a Alimentos Adequados e Saudáveis deve ser reconhecido e impulsionado pelos Estados e pelos diversos instrumentos jurídicos internacionais, bem como internalizado e aplicado em suas regulamentações nacionais para garantir a efetividade do direito à soberania alimentar nas cidades.

Os Estados devem promover o respeito pela diversidade dos povos e suas formas ancestrais de produção, bem como garantir o trabalho digno e o emprego, um salário justo baseado nos princípios da justiça social e da dignidade humana para a sociedade como um todo. Exigimos, portanto, que o Governo da Guatemala e os governos da América Latina e do Caribe adotem a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Camponeses e de pessoas que trabalham nas áreas rurais. E também propomos a criação de um Monitoramento do Direito à Alimentação na próxima Conferência Regional da FAO nas Bahamas (2018).

A comunicação e a formação populares continuarão a ser componentes estratégicos em nossas lutas pela Soberania Alimentar pelo seu papel transformador e unificador, criador de significados e valores que representam nossos objetivos políticos, visibilizando os processos de resistência e promovendo a construção de propostas de forma colaborativa e complementares. A construção coletiva em diferentes esferas... unem na luta fortalecendo ações transformadoras contra os meios de comunicação de massa, responsáveis pela manipulação em massa, degradação social e violência...

Nos comprometemos com o fortalecimento da ALIANZA através da integração de novas articulações, solidariedade social, defesa do bem comum, respeito pela autonomia e autodeterminação dos povos para alcançar maior incidência nos espaços de diálogo de conhecimento e formulação de políticas diferenciadas que promovam a Soberania Alimentar. E expressamos nosso interesse em continuar trabalhando com organizações internacionais como a FAO e em fóruns globais como o CIP e o Comitê de Segurança Alimentar Mundial através do Mecanismo da Sociedade Civil...

Fazemos eco da luta das organizações camponesas e indígenas do Equador contra a entrada de transgênicos em seus territórios.

E expressamos a nossa solidariedade e apoio aos povos da Guatemala, Argentina, Brasil, Colômbia, Honduras, Haiti, Paraguai, Venezuela, México e Peru, que sofrem graves crises políticas, insegurança social e alimentar, desapropriação e deslocamento, desaparecimentos, assassinatos no campo e na cidade impulsionados por interesses ligados aos latifundiários e outros fatores do poder capitalista; com a convicção de que uma paz duradoura só será possível quando a voz das organizações que representam seus povos seja ouvida. Construir a Unidade dos Povos da América Latina e do Caribe para a Soberania Popular e Alimentar!

Somos uma ferramenta para caminhar! Soberania alimentar para a paz com justiça social! Defendemos a Soberania Alimentar como um Princípio e como um direito inalienável dos Povos da América Latina e do Caribe e de todos os povos do mundo!

* Iximulew significa Guatemala cuja tradução para o português é *Terra do Milho*.

Entre os dias 07 e 08 de setembro de 2017, na Cidade da Guatemala, aconteceu a 2ª Assembleia da Aliança para a Soberania Alimentar dos Povos da América Latina e do Caribe (ALIANZA). Participaram do evento povos indígenas, camponesas e camponeses, agricultoras e agricultores familiares, pescadoras e pescadores artesanais, mulheres, afrodescendentes, jovens, trabalhadoras e trabalhadores rurais e organizações ambientais. Entre as entidades representadas estavam a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, FAO-Chile, a Rede Centro-Americana de Mulheres Rurais Indígenas e Camponesas, a Federação Latino-Americana de Apicultura, a Rede Centro-Americana de Soberania e Segurança Rede de Alimentação e Nutrição, a Rede de Agricultores do Caribe, a Rede do Caribe de Organizações de Pescadores e Rádio Mundo Real da ONG Amigos da Terra Internacional.

Integrantes do Maela (Movimiento Agroecológico de América Latina y el Caribe), do qual o CAPA faz parte, também estiveram presentes no evento.

A declaração da assembleia, que resume as principais pautas, pode ser lida ao lado ou no link <http://radiomundoreal.fm/9994-declaracion-de-iximulew>.

Formação política em Agroecologia



Aula no Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, Viçosa/MG

A análise do agronegócio no contexto do capitalismo global e da conjuntura política regional foi destaque na *Escola Continental de Formação Política em Agroecologia*, promovida pelo MAELA (Movimiento Agroecológico de América Latina y el Caribe). O evento aconteceu em Viçosa/MG entre 25 de abril e 1º de maio, recebendo 40 participantes do México, Guatemala, Nicarágua, El Salvador, Costa Rica, Colômbia, Equador, Bolívia, Chile, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil que estudaram gênero, povos originários, economia solidária, segurança e soberania alimentar e Agroecologia nos territórios.

“A formação política, o intercâmbio entre saberes, proporcionado por espaços como este, são fundamentais para a construção e resistência da Agroecologia”, afirma Jhony Luchmann Coordenador do CAPA/ Verê/PR, que participou da formação. “Aqui costuramos relações e fortalecemos a Agroecologia nos diferentes territórios onde atuamos, em nível de América Latina e Caribe, por meio de intercâmbios culturais, políticos e técnicos.”

Para ele foi relevante a visita ao município de Mariana/MG, atingido em novembro de 2015 pelo pior acidente da mineração brasileira. A tragédia ocorreu após o rompimento da barragem Fundão da mineradora Samarco, controlada pela Vale e pela BHP Billiton. A lama destruiu distritos e casas, deixou moradores desabrigados e matou 19 pessoas, atingindo 35 cidades no estado de Minas Gerais e três no Espírito Santo.

Durante a formação, foram conhecidas propriedades agroecológicas da região, principalmente produtoras de café, e também foi visitada a Universidade Federal de Viçosa, onde aconteceu um diálogo com as alunas e alunos do Curso de Educação no Campo. Na mesma ocasião, participantes conheceram a feira livre agroecológica que acontece dentro do Campus.

PARA SABER MAIS: O MAELA surgiu em 1989, formado por mais de 200 organizações de 21 países da América Latina. Informações em <https://www.facebook.com/MAELAndino/>

Campanha Comida Boa na Mesa



Não a novo veneno

A Monsanto lançou um super veneno que se espalha pelo ar e mata as plantações dos terrenos vizinhos, exceto aquelas que usam as sementes transgênicas. O dicamba, como é chamado o veneno, vai com o vento matando lavouras, árvores, solo e água. Assine uma petição contra ele em https://secure.avaaz.org/campaign/po/monsanto_dicamba_loc/?almiXib.

Calendário Agrícola

O CAPA/Núcleo/Santa Cruz/RS, está organizando a 9ª edição do Calendário Agrícola Lunar. Com uma página para cada mês, ele indica a influência da lua nas raízes, folhas e flores das plantas. Em 2018, o tema central é Comida Boa na Mesa e o aniversário de 40 anos do CAPA. Para encomendá-lo, entre em contato com o núcleo: (51) 3715 2750 e santacruz@capa.org.br

Verê na Alemanha

De 18 de junho a 3 de julho um grupo de nove agricultoras e agricultores agroecológicos do CAPA/Núcleo/Verê/PR esteve na Alemanha, em um intercâmbio promovido pela Mission EineWelt e CAPA Verê/PR para discutir os impactos da produção da soja nos dois países. Leia uma síntese desta reflexão no depoimento da página central desta edição.

Visita a Rondon

Nos dias 16 e 17 de outubro, o CAPA/Núcleo/Marechal Cândido Rondon/PR recebe a visita de um grupo de 40 agricultoras, agricultores e técnicos vindos de Nova Andradina/MS. O objetivo da visita é conhecer a produção orgânica de tomate, atividades de olericultura e fruticultura agroecológicas, e também saber mais sobre a utilização da homeopatia na produção animal e vegetal.

Opções ao tabaco

A ACT (Aliança do Controle do Tabagismo), realizou em Brasília, de 14 a 17 de agosto, o "X Seminário Alianças Estratégicas para Promoção da Saúde". O CAPA/Núcleo/Pelotas/RS integrante da Aliança pela Alimentação Saudável e Adequada, participou do evento representado por Ernesto Martinez. "A aliança que inicialmente discutia questões relacionadas ao tabaco, agora ampliou o debate, chegando a temas importantes como o desenvolvimento sustentável e hábitos saudáveis de alimentação, além da indústria de alimentos ultraprocessados, neste sentido é uma evolução".

A Campanha Comida Boa na Mesa, realizando ações para promover a Agroecologia e os alimentos livres de venenos, foi lançada pelo Consórcio CAPA em 2016. As imagens abaixo trazem momentos relevantes da Campanha para cada um dos cinco núcleos.

Cláudia Dreier



NÚCLEO VERÊ - Família de Denise e Ginésio Berns, que estiveram na capa da edição anterior deste jornal, representam a delegação de Verê que participou do Encontro Ampliado da Ecovida, abril de 2017, em Erechim/RS.

NÚCLEO PELOTAS - O Piquenique Agroecológico encerrou a 13ª Semana do Alimento do Orgânico em Pelotas. Foi realizado em 03 de junho na Praça Coronel Pedro Osório, com degustação de alimentos, roda de capoeira, jogos lúdicos e mateada ecológica.

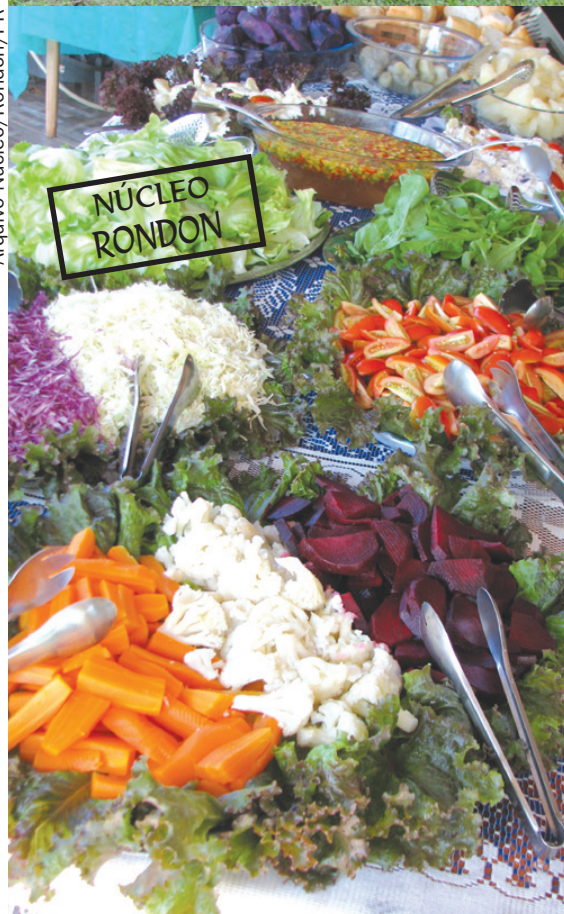
NÚCLEO SANTA CRUZ - A revista O Amigo das Crianças foi entregue a estudantes da Escola Felipe dos Santos, em Vale do Sol/RS. Comida Boa na Mesa foi o tema da edição maio/junho 2017 e da palestra realizada na escola.

Arquivo Núcleo/Pelotas/RS



Arquivo Núcleo/Santa Cruz/RS

Arquivo Núcleo/Rondon/PR



Arquivo Núcleo/Erechim/RS

NÚCLEO ERECHIM - A participação na Tribuna Livre, da Câmara dos Vereadores de Erechim, foi um destaque das 11 atividades durante a Semana do Alimento Orgânico que promoveram Comida Boa na Mesa.

NÚCLEO RONDON - A mesa farta com produtos ecológicos, produzidos e preparados por integrantes da Acempre, aparece em várias atividades, como o jantar de 20 anos do núcleo.